

CRÍTICA DE LIVROS

A arte narrativa de Milton Dias

F. S. Nascimento

Ao incomodar os teóricos da literatura quanto à especificidade de sua escritura artística, Milton Dias reforça a convicção de que suas narrativas escapam aos modelos convencionais da crônica. O jeito como manipula os elementos significantes do código lingüístico resulta quase sempre em esboços de acentuada expressividade, culminando algumas de suas tipificações em imagens revitalizadas, atuantes, que é a dinâmica concedida à personagem de ficção.

Essas tipificações são postas em cena em *A Capitoa* (Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1982) com todas as amarras próprias da condição humana, mas invariavelmente sob um halo de ternura e simplicidade. Em todos os episódios reconstituídos fica ao narrador a tarefa de recriar pormenores, de alargar o intrincado do acontecido, de produzir efeitos para o desfecho feliz ou triste. Isso significa dizer que o ponto de vista se consubstancia através de um informante, pela voz do narrador.

Quando o narrador transfere o recurso da fala a qualquer um desses tipos, e mais, quando essa fala produz respostas, estabelecendo o diálogo ou outro procedimento contrapontístico, ou ainda, quando as ideias do ser passam a organizar-se mediante a textura do monólogo interior, a narrativa assume a dinâmica da ficção. Claro que isso não haverá de ocorrer em consequência de um distraimento do narrador, e sim de uma intenção preconcebida, para que o tipo esboado consiga exercer por si mesmo, os atributos da

expressão verbal ou da reflexão convertida em silêncios de maior densidade ideativa.

Em *Baralho e Tamanco* essa elaboração formal é desenvolvida dentro da mesma técnica da ficção moderna e, como bem urdidos os elementos estruturais da fabulação, o resultado não poderia ser outro senão o de um conto sugestivo e aliciante. A modernidade dessa narrativa começa pelo anonimato das personagens em cena, conferindo-se a lição de que, em matéria de representação ficcional, o nome pode ser um instrumento de caracterização dispensável.

A duração objetiva desse conto é outro elemento que contribui para a sua modernidade. O tempo que transcorre nessa esfera, e que apenas envolve as falas entre a cartomante e o consulente, resultaria numa simples especulação futurista, ou vaticinadora, se não acontecessem os fluxos da consciência que, assumindo a linguagem reconstituidora do *flash back*, colocam essa segunda personagem em sérias aperturas.

Já se disse que em William Faulkner os fluxos da consciência chegam a ocupar mais tempo e a despertar maior interesse do que as cenas introdutórias, do plano externo. Sem, evidentemente, preocupar-se com a técnica desse grande ficcionista norte-americano, Milton D'as consegue idênticos resultados, fazendo seguidas transições em que, através de cenas interferentes, põe o consulente em conflito com a esposa e a sogra.

Sem a estrutura ficcional de *Baralho e Tamanco*, cuja ação se desenvolve nos planos externo e interno, as demais narrativas enfeixadas no capítulo *Do Cotidiano* apresentam outros atrativos que levam ao prazer da leitura, sobretudo pelos aspectos existenciais reconstituídos. Apontaria a *Cena sem sangue* como outro bom momento de Milton Dias na área da curta ficção, pela forma como se vê flagrado o marido em férias conjugais. O episódio, em sua versão real, sistir na prevaricação conjugal.

Em *A Aventura*, vê-se efetivada mais uma demonstração da capacidade criativa de Milton Dias, ao verter para o plano da ficção um momento da existência de um marido em férias conjugais. O episódio, em sua versão real, se reproduzido em linguagem informativa, caberia num resumo de entre 5 a 10 linhas. Todavia, fazendo uso do que permite a escritura artística, Milton Dias emprestou maior complexidade ao incidente, recheando-o de contratempos, desencontros e outros ingredientes geradores de frustrações

e revezes, conseguindo produzir um desfecho imprevisível, com a personagem em crise de solidão.

O capítulo *De Antigamente* se inicia com *A Capitoa*, uma narrativa sem abertura para o diálogo, porque toda conduzida pela voz do narrador. Aliás, a consciência de que se atribui o protagonista observador já decorre de um procedimento ficcional, através do qual toda a manipulação dos instrumentos formais tende a criar a ilusão de verdade, que é a função precípua da fabulação. E em *A Capitoa* essa estrutura é de tal modo elaborada, que a personagem consegue impor-se como entidade orgânica, logrando fixar-se no plano das relações tangíveis com atributos humanos e sociais plenamente aceitáveis.

Aos que insistem em rotular o conto clássico de “começo, meio e fim”, diria que *A Botija* é uma narrativa de “meio e fim”, porque tia Candinha já surge como personagem de ficção numa faixa etária oscilante para mais dos trinta anos. Daí por diante é que passa a ocupar o centro de mais um episódio da condição humana, em que as demonstrações de carinho ou os acessos de antipatia fazem ressaltar as singularidades de uma titia com enorme capacidade de renúncia e humildade, apesar dos atrativos pessoais e das economias que iriam lhe assegurar a independência financeira, ainda que vivendo sob teto alheio.

Das narrativas desse capítulo de *A Capitoa* ressaltaria ainda *O Retrato* — um excelente quadro da solidão; *Estória de Amor ao Chão* — outro bom episódio da condição humana; *Damião e Balbina* — ele que “vinha do mundo, (e) não contava passado”, e ela, birrenta, a resmungar “frases reticentes, incompreensíveis” contra o andariho recém-agregado ao Sítio Estrela d’Alva. As demais histórias apresentam, também, apreciável nível artístico, se bem que um pouco abaixo das três citadas, em que o processo de vitalização das personagens me pareceu mais convincente, pela adequação às medidas da existência.

No capítulo *Paleio mesmo*, Milton Dias reassume integralmente o estilo ameno do cronista, e cada texto elaborado através de sua máquina de reproduzir cenas, fatos e evocações se transforma numa peça de agradável leitura. Aliás, a manipulação estilística sempre foi o aspecto mais forte da arte narrativa de Milton Dias. Seus arranjos formais são peculiaríssimos, inimitáveis, e não conheço outro escritor cearense que consiga emprestar maior brejeirice ao falar de suas personagens.

Acredito que seja justamente em razão dessas peculiaridades estilísticas, da utilização de vocábulos enriquecidos de prefixações e sufixações de entonação popular e do arranjo coloquial da frase, que os livros de Milton Dias chegaram aos cursos de letras, motivando estudos sob os mais variados ângulos. Todos esses ingrediente que fazem de sua prosa um laboratório do falar cearense poderão ser encontrados em *A Capitoa*, sem dúvida uma das mais aliciantes coletâneas de narrativas geradas pela sua imaginação criadora.